# Empirismo lógico\* - 17/08/2015

Hume provoca uma guinada no empirismo: conceito histórico que limita o mundo  
das ideias ao que recebemos dos sentidos, todo o conhecimento se origina na  
experiência. Para Hume, as impressões que recebemos vêm dos sentidos e compõem  
nossas ideias, mas cada ideia é um termo separado, e cada ideia é ligada a  
outra por uma relação, ou seja, há ideias de termos e ideias de relações. Uma  
ideia não é atribuída à outra por um juízo, pelo verbo "é", mas elas são  
justapostas e ligadas pela conjunção "e"; é uma lógica das relações. Aqui já  
temos um esboço do empirismo lógico: recebemos impressões sensíveis e as  
ligamos logicamente.  
  
A relação, então, é a passagem de uma ideia a outra e faz parte da natureza  
humana, como, por exemplo, os princípios de associação, causalidade, etc. Pelo  
princípio de causalidade de nossa natureza usamos locuções que não se dão na  
experiência, como: amanhã, sempre, necessariamente. O sol necessariamente  
nascerá amanhã? Não temos certeza porque isso não está dado na natureza agora,  
mas inferimos, cremos, daí as crenças que estão na base de nossos  
conhecimentos. As crenças se baseiam em casos semelhantes (todo dia o sol  
nasce...) que se fundem em nossa imaginação e formam nossos hábitos, mas no  
entendimento esses casos permanecem distintos e fundamentados na experiência.  
  
Portanto, as relações que estabelecemos vêm do entendimento e da imaginação.  
Mas podemos passar de uma ideia a outra ao acaso. Quando isso ocorre, a  
imaginação usa as regras do entendimento para produzir ficções, delírios,  
forjando princípios de natureza humana. A fantasia cria relações fictícias nos  
fazendo crer em loucuras e mesmo duplicando os casos reais por uma repetição  
verbal - e cremos no que falamos! Se o ceticismo vinha do erro dos sentidos,  
de sermos enganados pela impressão das coisas (lembremo-nos do exemplo de  
Descartes do tamanho do sol que nos aparece pela visão e é diferente do  
tamanho real), para Hume não há erro, não há crenças falsas, mas crenças  
ilegítimas. Pelas relações de causa e efeito fazemos cálculos de  
probabilidade, mas, às vezes, a ficção não pode ser corrigida e mesmo crenças  
ilegítimas vão fazendo parte de nossa natureza humana. Como acontece com as  
crenças ilegítimas no mundo, no eu e em Deus que formam a base de nossas  
crenças legítimas.  
  
A investigação sobre o conhecimento começa e termina no ceticismo, mistura  
ficção e natureza humana. Mas a natureza humana não se guia somente pelos  
princípios de associação de onde decorrem as relações, mas de princípios de  
paixão de onde decorrem os pendores. Na base da associação: relações +  
pendores. Se os princípios da associação nos fazem ultrapassar o dado, no  
fundo das paixões não há egoísmo, mas parcialidade, nos apaixonamos pelos que  
estão próximos de nós. De forma diferente do contrato social que limita  
egoísmos, a proposta é superar a parcialidade, de um estado de limitações  
legais deveríamos criar artifícios, invenções institucionais para superar  
nossa parcialidade. Se Hume embricou o conhecimento entre ficção e natureza  
humana, agora a natureza humana deve ser inventiva para ultrapassar as  
parcialidades.  
  
As paixões são a extensão artificial para superar a parcialidade humana, elas  
ressoam na imaginação fazendo ultrapassar os limites naturais. Os princípios  
de associação estão estabelecidos na imaginação como regras de cálculo, como  
objeto do conhecimento. As paixões, os sentimentos estéticos, morais,  
políticos se sobrepõem a esses objetos e formam as regras de gosto, do  
direito, etc. Na posse, o que vale é a relação que estabelecemos com o objeto,  
que seja suficiente para apresentar garantias: não basta lançar um dardo sobre  
a porta para garantir sua posse, é preciso tocá-la.  
  
\_\_\_\_\_\_\_\_  
  
\*Resenha do texto: Iluminismo – Hume. De Deleuze, na coleção de História de Châtelet.